

TENSÃO ENTRE ISAQUE E ISMAEL (GÊNESIS 21)

A primeira parte do capítulo 21 gira em torno do filho da promessa. A chegada de Isaque, após tão longa espera, sem dúvida, trouxe alegria ao lar de Abraão e Sara. Todavia, por ansiarem tanto ver a promessa de Deus cumprida, Abraão já tinha se tornado pai de Ismael, seu filho com a serva de Sara, Agar. Isso gerou problemas na família. A chegada de Isaque, portanto, não trouxe só grande empolgação, mas também mais conflitos que culminaram na expulsão de Agar e Ismael.

A segunda parte do capítulo apresenta uma história diferente que se concentra em Abraão e Abimeleque, rei dos filisteus. Os dois fizeram uma aliança em Berseba segundo a qual eles e seus descendentes deveriam se tratar mutuamente com honestidade e bondade.

O NASCIMENTO DE ISAQUE (21:1-7)

¹Visitou o SENHOR a Sara, como lhe dissera, e o SENHOR cumpriu o que lhe havia prometido. ²Sara concebeu e deu à luz um filho a Abraão na sua velhice, no tempo determinado, de que Deus lhe falara. ³Ao filho que lhe nasceu, que Sara lhe dera à luz, pôs Abraão o nome de Isaque. ⁴Abraão circuncidou a seu filho Isaque, quando este era de oito dias, segundo Deus lhe havia ordenado. ⁵Tinha Abraão cem anos, quando lhe nasceu Isaque, seu filho. ⁶E disse Sara: Deus me deu motivo de riso; e todo aquele que ouvir isso vai rir-se juntamente comigo. ⁷E acrescentou: Quem teria dito a Abraão que Sara amamentaria um filho? Pois na sua velhice lhe dei um filho.

Versículo 1. Depois que Abraão e Sara esperaram quase um quarto de século pelo filho da

promessa, **visitou o SENHOR a Sara, como lhe dissera.** A expressão “visitou” traduz o hebraico פָּקַד (*paqad*), que significa realmente “visitar”. É uma metáfora comum na Bíblia que comunica a ideia de Deus intervir na natureza e nas relações humanas. Em alguns casos, como neste, foi uma visita cheia de graça e benéfica (veja 50:24, 25; Êxodo 4:31; Rute 1:6; Salmos 8:4); em outros casos, foi um juízo disciplinar, conforme descrito nas instruções dos dez mandamentos (Êxodo 20:5; Deuteronômio 5:9). Deus tinha afirmado que Sara teria um filho (17:19; 18:10) e agora **o Senhor cumpri[a] o que lhe havia prometido.** A ênfase desta passagem está no cumprimento da promessa divina mediante um grandioso milagre.

Versículo 2. A Bíblia usa a expressão Iavé visitando mulheres – incluindo Ana (1 Samuel 2:21), Isabel (Lucas 1:68) e Sara – que, por conta disso, engravidou e deu à luz. Todavia, a ideia não é de paternidade divina do filho gerado, como no caso dos deuses pagãos, que supostamente visitavam mulheres sexualmente. Antes, o termo é uma figura de linguagem, que significa que Deus libertou tais mulheres de um estado de infertilidade e capacitou-as a engravidar. Este conceito é enfatizado em 21:2, que afirma que **Sara concebeu e deu à luz um filho a Abraão na sua velhice.** Nesse caso, a visita de Deus revitalizou tanto o marido como a esposa, que, por terem idade avançada, já haviam passado da idade de procriação (Romanos 4:19). Por essa razão, o texto enfatiza que o fruto do ventre de Sara era “um filho” que nasceu (e foi gerado pelo pai) na velhice do patriarca. Também é significativo que o nascimento do filho da promessa aconteceu **no tempo determinado, de que Deus lhe falara** (veja 17:21; 18:14).

Versículo 3. Assim como fez anteriormente

ao dar nome a Ismael (16:15), **Abraão** agora pôs nome **ao filho que lhe nasceu** com Sara seguindo a ordem do Senhor dada um ano antes. Ele **pôs o nome de Isaque** (“ele riu”) no menino, o nome que Deus escolhera antes mesmo da criança ser concebida (17:19). Esse nome era adequado porque tanto Abraão como Sara riram em descrença diante da promessa de gerarem um filho na velhice (17:17; 18:12).

Versículo 4. O texto não registra nenhuma expressão emocional de grande felicidade da parte do patriarca diante da notícia do nascimento de Isaque. Ele deve ter reagido com alegria, pois esse era o cumprimento de um sonho que o acompanhou por toda a vida e que parecia irrealista. Sabemos que, assim como Deus foi fiel em cumprir a Sua promessa de um filho, no tempo determinado, **Abraão** foi obediente e **circuncidou o filho, quando este era de oito dias, segundo Deus lhe havia ordenado.** Nisto, o patriarca agiu diferentemente de Moisés, que negligenciou a circuncisão de seu filho até este ficar mais velho (Êxodo 2:21, 22; 4:24–26).

Versículo 5. A pergunta que Abraão fez cerca de um ano antes (17:17) – “A um homem de cem anos há de nascer um filho?” – foi respondida. O que, de um ponto de vista natural, era impossível, veio a realmente acontecer pelo poder de Deus. O patriarca **tinha cem anos, quando lhe nasceu Isaque, seu filho.**

Versículo 6. Diante do nascimento do filho, Sara exclamou um alegre poema sobre o que o Senhor lhe fizera. Ela declarou: **Deus me deu motivo de riso; e todo aquele que ouvir isso vai rir-se juntamente comigo.** Aqui, ela empregou um jogo de palavras com o nome “Isaque”. Anteriormente, esse nome foi relacionado com o riso de descrença (17:17–19; 18:12–15); agora, ela experimentava o riso de júbilo e cria que todos que ouvissem a história de uma velha dando à luz um filho ririam com ela – e não “dela”, como interpretam alguns. A ideia de se rir do ridículo não cabe neste contexto. Sara, obviamente, estava exultando de alegria com temor pelos poderosos atos de Deus, o qual tornara duas pessoas idosas¹ pais de um bebê.

Versículo 7. Além disso, Sara continuou a declarar o imenso prazer que o nascimento de Isaque lhe trouxe. Em vez do sentimento de va-

zio e desesperança pela incapacidade de engravidar, ela exclamou sua felicidade por ser mãe com uma pergunta: **Quem teria dito a Abraão que Sara amamentaria um filho?** Essa pergunta, obviamente, pressupõe uma resposta negativa: “Ninguém, em circunstâncias normais, jamais esperaria levar a Abraão a notícia de que Sara acabara de dar à luz um filho e o amamentava”. De fato, só a sugestão de ter um filho na velhice era tão inacreditável que ambos, o patriarca e a esposa, manifestaram incredulidade diante de Deus ao pensarem nessa expectativa. Apesar disso, a “possibilidade impossível” aconteceu e Sara exclamou: **Na sua velhice lhe dei um filho.**

O CIÚME DE SARA (21:8–14)

⁸Isaque cresceu e foi desmamado. Nesse dia em que o menino foi desmamado, deu Abraão um grande banquete. ⁹Vendo Sara que o filho de Agar, a egípcia, o qual ela dera à luz a Abraão, caçoava de Isaque, ¹⁰disse a Abraão: **Rejeita essa escrava e seu filho; porque o filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho.** ¹¹Pareceu isso mui penoso aos olhos de Abraão, por causa de seu filho. ¹²Disse, porém, Deus a Abraão: **Não te pareça isso mal por causa do moço e por causa da tua serva; atende a Sara em tudo o que ela te disser; porque por Isaque será chamada a tua descendência.** ¹³Mas também do filho da serva farei uma grande nação, por ser ele teu descendente. ¹⁴Levantou-se, pois, Abraão de madrugada, tomou pão e um odre de água, pô-los às costas de Agar, deu-lhe o menino e a despediu. Ela saiu, andando errante pelo deserto de Berseba.

O nascimento de Isaque trouxe grande alegria a Abraão e Sara. No entanto, ele não foi bem-vindo por todos da casa.

Versículo 8. O velho patriarca e sua esposa observaram o filho da promessa **crescer** até ser **desmamado.** Nesse dia, **Abraão** deu ao filho **um grande banquete.** O desmame de um filho no Oriente Próximo antigo geralmente se dava por volta dos três anos de idade, e era acompanhado de uma celebração².

Versículo 9. Nessa ocasião, porém, a celebra-

¹Gordon J. Wenham, *Genesis 16–50*, Word Biblical Commentary, vol. 2. Dallas: Word Books, 1994, pp. 80–81.

²E. A. Speiser, *Genesis*, The Anchor Bible, vol. 1. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1964, p. 155. Veja 1 Samuel 1:22–24, e também 2 Macabeus 7:27.

ção teve curta duração; foi interrompida por Sara, assim que a velha animosidade entre ela e Agar explodiu novamente. A ocorrência que interrompeu a festança foi a maneira como Ismael, já com dezesseis ou dezessete anos³, “brincava com” (NTLH) Isaque, o qual ainda era pequeno. O vocábulo traduzido por **caçoava** (קִחָץ, *tsachaq*) tem um leque de significados, dependendo do contexto. Todavia, mesmo que “caçoar” não seja um termo muito forte aqui, segundo Paulo, Ismael “perseguia” Isaque (Gálatas 4:29)⁴. Não sabemos o que exatamente o filho de Agar fez ao meio-irmão; mas Sara viu Ismael como uma ameaça ao seu filho. Alguns palpitam que Ismael apenas caçoou do garoto, torturando-o mentalmente ao alegar que ele jamais obteria a posição de verdadeiro herdeiro de Abraão. Por outro lado, suas palavras podem muito bem ter sido mais odiosas no meio de uma brincadeira de mau gosto (“comportamento ofensivo”⁵) com Isaque.

Versículo 10. O que Sara testemunhou, de alguma maneira, parece ter incitado nela medo de possível dano físico ao filho, ou ela viu os atos de Ismael como um prenúncio de futura violência, pondo em risco a vida do menino. Por isso, ela rogou ao marido: **Rejeita essa escrava e seu filho; porque o filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho.**

Quando Sara implorou para Abraão “livrar-se de” (NVI) Agar e Ismael, ela empregou o termo שָׁרַשׁ (*garashi*), também usado em 3:24, quando Deus “expulsou” Adão do jardim do Éden. Ele ocorre novamente em 4:14, com referência a Caim, o qual foi “lançado... da face da terra”. Em 21:10, ele implica divórcio, mesmo só aparecendo como um termo técnico para a dissolução do matrimônio em sua inclusão na lei de Moisés (Levítico 21:7, 14; 22:13; Números 30:9; veja Ezequiel 44:22)⁶.

Versículo 11. Abraão viu-se numa espécie de

³Abraão tinha oitenta e seis anos no nascimento de Ismael (16:16) e cem, no de Isaque (17:17; 21:5), quando Ismael tinha uns catorze (veja 17:24, 25). Cerca de três anos depois, no desmame de Isaque, Ismael teria, então, pelo menos dezesseis ou dezessete anos.

⁴J. Barton Payne, “קִחָץ” em *DITAT*, p. 1281.

⁵Kenneth A. Mathews, *Genesis 11:27—50:26*, The New American Commentary, vol. 1B. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2005, p. 269.

⁶Helmer Ringgren, “שָׁרַשׁ” em *Theological Dictionary of the Old Testament*, trad. John T. Willis e Geoffrey W. Bromiley, ed. G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1978, vol. 3, pp. 68–69.

dilema vivenciado geralmente por polígamos: teria de decidir por uma família em detrimento da outra. O narrador retratou a luta interior que se instalou afirmando que **pareceu isso mui penoso aos olhos de Abraão, por causa de seu filho**, Ismael. O amor do velho homem pelo primogênito era grande e ele estava aflito e angustiado com a exigência de Sara. Levando em conta que Deus já tinha identificado Isaque como o filho da promessa que receberia a bênção da aliança (17:17–20; 18:9–15), Abraão provavelmente se perguntava por que aquelas duas mulheres não podiam apenas conviver em paz. Todavia, parecia não haver cura para a exasperada hostilidade entre as duas esposas; e agora que Sara notara em Ismael palavras e atos como um perigoso sinal de ciúme ou inveja de Isaque, a situação no lar do patriarca era irremediável.

Versículos 12. Deus admoestou Abraão: **Não te pareça isso mal por causa do moço e por causa da tua serva.** O hebraico equivalente a “moço” (נָעָר, *na'ar*) podia ser usado para um menino em crescimento da fase infantil para a adulta. Por exemplo, *na'ar* é empregado para Samuel, ao ser desmamado por Ana (1 Samuel 1:24), para José, aos dezessete (37:2), e novamente para José, aos trinta anos (41:12, 46). O fato de Deus chamar Ismael de “moço” não significa, então, que ele ainda era uma criança, como era o caso de Isaque.

A família estava lidando com algo mais importante do que sentimentos pessoais. Isaque era o veículo pelo qual o Senhor abençoaria os descendentes do patriarca e, por fim, todas as famílias da terra. Por isso, Deus instruiu Abraão a respeito de Sara: **Atende a Sara em tudo o que ela te disser; porque por Isaque será chamada a tua descendência** (veja 12:2, 3; 17:19). Em outras palavras, Isaque ocupava um lugar especial nas bênçãos da aliança e futuras gerações do povo de Deus recitariam sua genealogia a partir de Abraão e passando por Isaque, o filho da promessa.

Deus teve que aconselhar Abraão a mandar Agar e Ismael embora por várias razões. 1) O patriarca amava a ambos, e pensar em mandar embora a serva-esposa e seu primogênito lhe partiu o coração. 2) Abraão provavelmente se lembrou da última vez que obedeceu a Sara, concordando em ter um filho com Agar. O plano dela e a participação dele demonstraram falta de fé da parte de ambos, e geraram todo tipo de problema naquele lar (16:1–6). 3) Segundo as tradições culturais

do Oriente Próximo antigo sob as quais Abraão vivia, ele – e não a esposa – tinha o direito de definir a política familiar. Por essa razão, de alguma forma, ele pode ter amargado a ordem de Deus para atender o desejo da esposa porque esta se harmonizava mais com os planos divinos do que com seus próprios planos.

Versículo 13. Essencialmente, Deus repetiu a promessa que fez a Abraão a respeito de Ismael em 17:20: “Dele farei uma grande nação”. Garantindo ao patriarca que seu primogênito não pereceria após serem expulsos ele e a mãe, o Senhor acrescentou: **Mas também do filho da serva farei uma grande nação, por ser ele teu descendente.** Desse modo, Deus acalmou o coração atribulado do patriarca com palavras de consolo. E assim Deus vinculou a promessa feita a Ismael no versículo 13 com a certeza que Ele firmou a respeito de Isaque, no versículo 12.

Versículo 14. Abraão obviamente não dormiu naquela noite, quando se deparou com a difícil tarefa de mandar embora sua serva-esposa e seu primogênito. Tinha pouca esperança de tornar a vê-los. Além de passar a noite sem descansar, o patriarca provavelmente queria que Agar e Ismael iniciassem sua jornada no frescor da manhã, para viajarem o máximo possível antes que o calor da tarde ficasse insuportável. Sendo assim, o texto afirma: **levantou-se, pois, Abraão de madrugada, tomou pão e um odre de água, pô-los às costas de Agar.**

O leitor pode questionar por que o patriarca não deu àqueles membros de sua família mais do que pão e um odre de água⁷, para atravessarem o deserto. Esperava ele que encontrariam mais provisões ao longo do caminho? Teria Abraão uma intenção oculta de que não fossem longe, crendo que a fúria de Sara logo passaria e eles poderiam voltar para casa?

Provavelmente, o marido e pai pesaroso estava se lembrando de que, no passado, quando Agar fugiu para o deserto, “o anjo do Senhor achou-a junto a uma fonte de água no deserto” e mandou-a voltar (Gênesis 16:7–14). Teria ela e Ismael uma experiência semelhante desta vez? Evidentemente, não sabemos quais pensamentos passavam pela mente do patriarca; mas, quaisquer que fossem, ele não forneceu água suficiente

⁷Um odre grande, feito com toda a pele de um bode, armazenava uns 10 litros de água e podia pesar uns 15 quilos.

para duas pessoas viajarem nem sequer por um dia no escaldante deserto⁸. Ele devia crer que, de algum modo, Deus interviria e impediria que eles perecessem naquele lugar desolado.

Outro problema surge em relação à afirmação de que Abraão **deu-lhe o menino e a despediu**. O que exatamente Agar pegou ou carregou? A LXX e a tradução siríaca (Peshitta) sugerem que, além do pão e da água, Abraão pôs a criança (Ismael) no ombro dela. Uma série de comentários e traduções modernos apresenta uma versão semelhante (ACRF; ARIB; AS21; BJC; KJA; NVI). E alguns críticos da Bíblia seguem essa linha de raciocínio para apoiar a ideia de que o autor de Gênesis usou fontes contraditórias ao compor a narrativa. Argumentam esses que Agar não conseguiria carregar um adolescente sobre o seu ombro; portanto, Ismael provavelmente era uma criança pequena ou de colo nesse tempo, ao contrário da exposição feita em 21:9 e da cronologia de 16:1–4 e 16.

Embora a sintaxe hebraica seja um tanto estranha, esta não é a única – ou melhor – maneira de se entender o texto, como evidencia a versão ERA, que é praticamente igual à sugerida por estudiosos: “E Abraão levantou-se bem cedo e levou pão e um odre de água, e deu-os para Agar colocá-los no ombro, e deu [a ela] o menino, despedindo-se deles”⁹.

Assim como o termo “rejeitar” (*garash*) em 21:10, a expressão “despediu” (*shalach*) também veio a significar “divorciar” (Deuteronômio 22:19, 29; Isaías 50:1; Jeremias 3:1; Malaquias 2:16). Todavia, o segundo termo não parece ser tão rígido como o primeiro. Embora Sara quisesse que Abraão “rejeitasse a serva”, ele “a despediu”. Abraão não agiu com raiva; antes, submeteu-se simplesmente à vontade de Deus.

A próxima afirmação retrata Agar peregrinando desoladamente. **Ela saiu, andando errante pelo deserto de Berseba.** Em contraste com o capítulo 16, quando ela fugiu e tentou ir para o Egito, desta vez ela parecia não ter um destino em mente. Ela e o filho estavam desolados, sem lar nem ninguém para lhes dar ajuda ou refúgio. Pe-

⁸Guias experientes informam a quem caminha pelo deserto no sul de Israel e na Península do Sinai que é preciso beber no mínimo 7,5 litros de água por dia para sobreviver nesse ambiente hostil.

⁹Walter C. Kaiser Jr., Peter H. Davids, F. F. Bruce e Manfred T. Brauch, *Hard Sayings of the Bible*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1996, p. 123.

regriaram pela parte sul da antiga Canaã, no deserto próximo a Berseba. Abraão, evidentemente, ainda habitava a região de Gerar, onde Abimeleque era rei (veja 20:1; 21:22–34). Muito provavelmente, a dupla errante viajava para o leste, possivelmente em direção ao norte da Arábia, a região habitada mais tarde por alguns descendentes de Ismael (25:12–18). O fato de andarem no deserto de Berseba é um tanto irônico porque a primeira parte do nome refere-se a “bem” (בְּעֵר, *be'er*). Embora houvesse um poço ali, Agar só o viu quando o anjo o mostrou.

A PROMESSA DE DEUS A AGAR (21:15–21)

¹⁵Tendo-se acabado a água do odre, colocou ela o menino debaixo de um dos arbustos ¹⁶e, afastando-se, foi sentar-se defronte, à distância de um tiro de arco; porque dizia: Assim, não verei morrer o menino; e, sentando-se em frente dele, levantou a voz e chorou. ¹⁷Deus, porém, ouviu a voz do menino; e o Anjo de Deus chamou do céu a Agar e lhe disse: **Que tens, Agar? Não temas, porque Deus ouviu a voz do menino, daí onde está.** ¹⁸Ergue-te, levanta o rapaz, segura-lo pela mão, porque eu farei dele um grande povo. ¹⁹Abrindo-lhe Deus os olhos, viu ela um poço de água, e, indo a ele, encheu de água o odre, e deu de beber ao rapaz.

²⁰Deus estava com o rapaz, que cresceu, habitou no deserto e se tornou flecheiro; ²¹habitou no deserto de Parã, e sua mãe o casou com uma mulher da terra do Egito.

Versículo 15. Considerando que Agar e Ismael não levaram água suficiente para a jornada de um dia pelo deserto, o calor da tarde teve um efeito severo sobre eles. **Tendo-se acabado a água do odre** e eles já não podiam saciar a sede, Agar **colocou o menino debaixo de um dos arbustos.** O texto fornece uma cena descritiva de uma mãe desidratada que deixou o filho à sombra de um dos arbustos do deserto. A implicação é que Agar perdera a esperança e previa a morte iminente dela e do filho. Ao colocá-lo à sombra, ela estava tentando dar-lhe algum alívio dos raios diretos do sol e tornar seus últimos instantes mais confortáveis.

Versículo 16. Agar não suportava ver Ismael sofrer; por isso, **afastando-se, foi sentar-se defronte, à distância de um tiro de arco.** Embora

não o pudesse ver, ela permanecia perto o suficiente para ouvir qualquer grito por ajuda. E até isso seria em vão, pois um indivíduo com a garganta ressecada, morrendo de calor e prostrado por desidratação, não conseguiria emitir nenhum grito. Quando se sentou, desanimada para continuar a caminhada de morte com o filho, Agar proferiu um rogo em desespero: **Assim, não verei morrer o menino.**

Versículo 17. Nesse momento pungente, **Deus... ouviu a voz do menino.** Então, **o Anjo de Deus chamou do céu a Agar e lhe disse: Que tens, Agar?** É claro que a pergunta era retórica, pois o anjo não lhe deu oportunidade de responder. Em vez disso, rapidamente emendou a pergunta com palavras de encorajamento: **Não temas, porque Deus ouviu a voz do menino, daí onde está** (veja os comentários sobre 16:11; 17:20). Essa afirmação de segurança responde a pergunta sobre como Abraão pôde mandar duas pessoas a quem ele amava para o deserto com provisões tão escassas (21:14). Nessa altura da vida, a fé de Abraão certamente havia crescido a ponto dele se dispor a confiar que o Senhor cuidaria e proveria tudo para eles, naquela difícil jornada.

Versículo 18. Então, o anjo elucidou a Agar o fato de que Ismael tinha um futuro além daquele lúgubre deserto. Ele a aconselhou a **levanta[r] o rapaz e segurá-lo pela mão.** O texto diz literalmente: “Firme sua mão sobre ele”. Esta é uma expressão idiomática do hebraico que significa: “Anime-o”¹⁰. Então, a voz celestial reiterou uma promessa que o anjo do Senhor tinha feito a Agar muitos anos atrás. Deus foi mais específico desta vez, prometendo fazer de seu filho, Ismael, **um grande povo** (veja 16:10–12).

Versículo 19. O Senhor não estava interessado apenas em abençoar Ismael no futuro, mas também se preocupava com a sua atual condição de desidratação, pois o odre de água estava completamente vazio. Em resposta ao clamor da mãe, Deus **abriu-lhe os olhos** [de Agar] e **viu ela um poço de água.** O poço estava ali o tempo todo, enquanto andavam pelo “deserto de Berseba” (veja os comentários sobre 21:14). Apesar disso, parece que ela perdera a esperança de encontrar uma fonte de água, e seus olhos tinham estado tão encharcados de lágrimas que ela não conseguia ver

¹⁰John T. Willis, *Genesis*, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1979, p. 284.

o poço. Agar não precisou de mais instruções do anjo para agir; ela **encheu de água o odre, e deu de beber ao rapaz**. A narrativa não menciona Agar matando a própria sede; ela é descrita como uma mãe cuja principal preocupação era prover água para o filho. Aparentemente, somente após Ismael se revigorar, ela dividiu a água vivificante.

Versículo 20. Após um relato dramático sobre a experiência de Agar e Ismael no deserto, perto de Berseba, o autor resumiu brevemente o resto da vida do rapaz. **Deus estava com o rapaz** e esteve até ele amadurecer e se tornar “como um juumento selvagem” (16:12), a **habitar no deserto**, às margens da sociedade. Preferindo viver um estilo de vida nômade, Ismael **se tornou flecheiro**. Ele deve ter desenvolvido ótima habilidade como caçador, o que permitiu sua sobrevivência num ambiente hostil. Num período posterior, alguns de seus descendentes, “os filhos de Quedar”, seriam descritos como “flecheiros” e “valentes” (Isaías 21:17; veja Gênesis 25:12, 13).

Versículo 21. Um breve relato final menciona que Ismael **habitou no deserto de Parã**, o extenso deserto que ocupa desde a parte sul de Canaã até grande parte do centro-leste da Península do Sinai e a parte baixa do Mar Vermelho (Golfo de Ácaba) (Números 12:16; 13:3, 26). Sendo Agar uma egípcia (16:1, 3; 21:9; 25:12), e tendo ela e o filho vivido bem próximos da terra natal dela, anos depois ela **o casou com uma mulher da terra do Egito**. Segundo o costume do Oriente Próximo antigo, o pai escolhia a esposa para o filho (24:1–67; 34:4). Nesse caso, isso não foi possível, pois Abraão havia se separado de Agar. Então, ela assumiu a responsabilidade que normalmente seria do marido e, provavelmente, adquiriu uma escrava egípcia de uma caravana de mercadores que viajavam pelo deserto de Parã (veja 37:28).

O PACTO DE ABRAÃO COM ABIMELEQUE (21:22–34)

Nesta nova história, o foco volta para Abraão, que, mais uma vez, veio a negociar com Abimeleque.

O Pacto (21:22–26)

²²Por esse tempo, Abimeleque e Ficol, comandante do seu exército, disseram a Abraão: Deus é contigo em tudo o que fazes; ²³agora, pois, jura-me aqui por Deus que me não menti-

rás, nem a meu filho, nem a meu neto; e sim que usarás comigo e com a terra em que tens habitado daquela mesma bondade com que eu te tratei. ²⁴Respondeu Abraão: Juro. ²⁵Nada obstante, Abraão repreendeu a Abimeleque por causa de um poço de água que os servos deste Ihe haviam tomado à força. ²⁶Respondeu-Ihe Abimeleque: Não sei quem terá feito isso; também nada me fizeste saber, nem tampouco ouvi falar disso, senão hoje.

Versículo 22. Este incidente se deu, segundo o texto, **por esse tempo**. Uma pergunta naturalmente vem à tona: “Que tempo?” Alguns estudiosos acreditam que o autor de Gênesis retrocedeu aqui ao tempo logo após Abraão ter mentido para Abimeleque sobre Sara (20:1–18), antes de Isaque nascer (21:1–3). Embora esse palpite seja possível, parece mais provável que a expressão “por esse tempo” aponte para o ocorrido na narrativa pela sequência cronológica. Em outras palavras, o pacto entre Abraão e Abimeleque aconteceu após o nascimento e desmame de Isaque e a despedida de Agar e Ismael (21:1–21).

Nessa ocasião, Abimeleque levou consigo **Ficol, comandante do seu exército**. O nome “Ficol” é de origem indeterminada. Tem sido identificado por alguns como um nome hurrita¹¹, anatoliano¹² ou filisteu (21:32, 34; 26:1, 26), porém ele não foi descoberto em nenhum texto ou inscrição antigos. Visto que os hurritas são conhecidos por terem se dispersado do noroeste da Mesopotâmia (Iraque) para Anatólia (Turquia)¹³, Gordon J. Wenham especulou se os ancestrais de Ficol não teriam vindo do “Egeu ou de Anatólia via Creta” (“Caftor”; Amós 9:7), terra original de muitos filisteus¹⁴.

Abimeleque e Ficol elogiaram Abraão afirmando: **Deus é contigo em tudo o que fazes**. Durante anos, eles observaram o aumento das riquezas e da prosperidade de Abraão, particularmente seu imenso rebanho e gado. Um número tão grande de animais exigia pastores e servos treinados para protegê-los. Mais de vinte e cinco

¹¹Ibid., p. 285.

¹²Wenham, p. 91.

¹³Frederick W. Bush, “Hurrians” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, vol. 2, pp. 784–85.

¹⁴Wenham, pp. 91–92.

anos antes, 318 desses homens lutaram a serviço de Abraão (14:14) e ele devia ter duas vezes esse contingente a essa altura. Abimeleque e seu comandante talvez vissem a grande comitiva de Abraão como uma ameaça em potencial.

Os filisteus, portanto, deram início à pauta daquele encontro. Abriam a conversa com um alto elogio, reconhecendo que “Deus” (אֱלֹהִים, *Elohim*) estava com o patriarca, abençoando-o em tudo que ele fazia. *Elohim* é o termo geral para Deus e o normalmente usado por estrangeiros no Livro de Gênesis, pois também era aplicável a qualquer deus (31:30; 41:38). Para evitar tensão e hostilidade entre os homens de Abraão e os seus, Abimeleque queria formalizar um acordo, um pacto de não-agressão, com aquele estrangeiro rico e poderoso.

A conferência entre os dois homens pode ter acontecido vários anos após o primeiro encontro (20:1–18), porque a situação entre eles estava, de certo modo, invertida. Na ocasião anterior, Abraão temeu pela vida na presença de Abimeleque. Foi isso que o levou a mentir sobre Sara e entregá-la ao rei para fazer parte do harém dele. Agora, porém, as circunstâncias pareciam bem diferentes. As bênçãos de Deus tinham aumentado o patrimônio e o contingente de guerreiros de Abraão (21:22), e o rei parecia intimidado com a presença daquele estrangeiro em suas terras.

Versículos 23. Então, Abimeleque e seu comandante militar foram tentar firmar uma aliança com Abraão. Ele pediu que o patriarca **jurasse... por Deus que... não mentiria** para ele, **nem** para seu **filho** e **neto**. Em outras palavras, o rei queria firmar um acordo em que Abraão faria um voto solene perante Deus de não atacar seu povo nem tentar derrubar seu reino ou futura dinastia. Abimeleque exigiu que Abraão lhe demonstrasse o mesmo tipo de **bondade** (חֶסֶד, *chesed*, “lealdade” ou “amor firme”) manifestada ao patriarca na **terra em que [tinha] habitado** (גִּיר, *gur*, “vivido como estrangeiro”).

Versículo 24. Abraão disse prontamente: **Juro**. Apesar de lermos que somente o patriarca jurou, sabemos que os dois homens tinham de jurar para esse pacto de não-agressão ser legalmente válido. Por isso, ao concluir o relato dessa cerimônia, o narrador incluiu a confirmação de que ambos “juraram” (21:31) observar o acordo fielmente. É provável que isso não tenha sido mencionado antes por ser presumível que quem buscava a aliança

juraria fidelidade. A única dúvida era se Abraão assumiria esse compromisso com Abimeleque. Assim que ele concordou, deu-se prosseguimento ao resto da cerimônia.

Versículo 25. Antes que os dois homens ratificassem a aliança, **Abraão** trouxe uma reclamação que precisava ser delatada. Ele **repreendeu a Abimeleque** porque seus homens haviam cavado **um poço de água** (veja 26:15, 18) e **os servos de Abimeleque lhe haviam tomado à força**. Era um caso-prova importante para o patriarca. Depois de ter jurado “bondade” (*chesed*) ao rei e ao seu povo (21:23, 24), ele não poderia punir esse ato criminoso dos homens de Abimeleque sem violar o juramento ou voto. Sendo assim, o único recurso de Abraão era pedir ao rei justiça nessa questão.

Versículo 26. Apesar de a reclamação do patriarca sobre o roubo do poço não parecer um crime tão sério para alguns de nós hoje, numa terra semi-árida era uma questão relevante de vida ou morte para as pessoas e os animais. De que valia uma promessa de que Abraão poderia viver naquela terra em paz e perto de **Abimeleque**, se ele não tivesse direito sobre a água dali? Essa questão foi a melhor prova do novo pacto. Abraão queria saber se o rei agiria justamente com ele e corrigiria o mal cometido por alguns de seus servos. Afinal, Abimeleque foi quem convidou a ele e a todos que o acompanhavam para habitar aquela região (20:15). Isso, naturalmente, implicava o uso da terra e da água para a sobrevivência deles. O rei alegou desconhecer completamente **quem [teria] feito** aquilo. Então, transferiu parte da culpa para Abraão, afirmando que este fora negligente ao ser informado do problema. Abimeleque reforçou que ele só tinha ouvido falar daquilo naquela hora: **Não sei quem terá feito isso; também nada me fizeste saber, nem tampouco ouvi falar disso, senão hoje**.

Ratificando o Pacto (21:27–34)

²⁷Tomou Abraão ovelhas e bois e deu-os a Abimeleque; e fizeram ambos uma aliança. ²⁸Pôs Abraão à parte sete cordeiras do rebanho. ²⁹Perguntou Abimeleque a Abraão: Que significam as sete cordeiras que puseste à parte? ³⁰Respondeu Abraão: Receberás de minhas mãos as sete cordeiras, para que me sirvam de testemunho de que eu cavei este poço. ³¹Por isso, se chamou

aquele lugar Berseba, porque ali juraram eles ambos. ³²Assim, fizeram aliança em Berseba; levantaram-se Abimeleque e Ficol, comandante do seu exército, e voltaram para as terras dos filisteus. ³³Plantou Abraão tamargueiras em Berseba e invocou ali o nome do SENHOR, Deus Eterno. ³⁴E foi Abraão, por muito tempo, morador na terra dos filisteus.

Versículo 27. Abraão, evidentemente, acreditou em Abimeleque quando este negou saber do roubo do poço. Embora o texto não registre o resultado dessa conversa, o rei parece ter concordado em investigar a queixa do patriarca. Abraão, provavelmente, não teria ratificado o pacto de não-agressão com Abimeleque sem alguma certeza de que o rei corrigiria o mal que lhe fizeram. Grato pela resolução pacífica da conversa, o patriarca **tomou ovelhas e bois e deu-os a Abimeleque.**

Restabelecidas as boas relações, **fizeram ambos uma aliança**, que envolvia deveres mútuos. A expressão hebraica traduzida por “fizeram uma aliança” (כָּרַת בְּרִית, *karath berith*) significa literalmente “cortar uma aliança”, uma alusão à antiga prática de cortar um animal ao meio e passar por entre a sua carcaça (veja 15:7–11, 17, 18). As pessoas que faziam isso se sujeitavam à maldição de que “o destino do animal recairia sobre”¹⁵ todos os participantes que não cumprissem os deveres da aliança.

Versículo 28. O texto afirma que **pôs Abraão à parte sete cordeiras do rebanho**, ou seja, “separou sete ovelhas do rebanho” (NVI). Parece claro que o patriarca escolheu sete animais além dos que os dois homens tinham acabado de sacrificar. Esse ato deve ter sido um acréscimo ao que era costumeiro, pois Abimeleque ficou confuso a respeito de seu significado.

Versículo 29. Como o significado das ovelhas a mais não foi auto-explicativo, o rei hesitou em aceitá-los. Ele pediu um esclarecimento perguntando: **Que significam as sete cordeiras que puseste à parte?**

Versículo 30. Abraão explicou tanto os seus motivos e seus atos ao rei: **Receberás de minhas mãos as sete cordeiras, para que me sirvam de**

¹⁵E. Kutsch, “כרת” em *Theological Lexicon of the Old Testament*, trad. Mark E. Biddle, ed. Ernst Jenni e Claus Westermann. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1997, vol. 2, p. 636.

testemunho de que eu cavei este poço. O patriarca queria mais do que a segurança de um pacto de não-agressão ou uma promessa verbal de que Abimeleque decidiria de quem era a posse justa do poço; ele queria um juramento público, emitido pelo rei, de que o poço pertencia a Abraão, pois tinham sido seus homens que o cavaram.

Versículo 31. E a narrativa sobre a segunda confrontação de Abraão com Abimeleque termina com a afirmação de que o patriarca **chamou aquele lugar Berseba, porque ali juraram eles ambos.** Nesta seção, além das repetidas referências a “poço” (21:25, 30), são feitas outras a “jurar”, “sete” e “juramento” (21:23, 24, 28, 29, 30). O autor explicou a importância dos termos aqui usados. O nome “Berseba” consiste de suas palavras hebraicas: בְּאֵר (beer), que significa “poço”, e שֶׁבַע (sheba’), que conota “sete”. Juntas, elas significam literalmente “Poço de Sete”, uma referência às sete cordeiras que o patriarca deu ao rei. O nome também poderia significar “Poço do Juramento”, em homenagem ao local onde os dois homens fizeram o juramento¹⁶.

Depois de viver em Canaã por mais de vinte e cinco anos, Abraão finalmente reivindicou legitimamente para si pelo menos um poço naquelas terras. A localização atual desse poço é tema de discussão, pois é difícil datar poços e uma série deles foi descoberta num raio de menos de quatro quilômetros do local que hoje leva o nome de Tell Beersheba. Ademais, não se sabe se Tell Beersheba corresponde à Berseba patriarcal¹⁷. Pessoas, muitas vezes, abandonavam lugares antigos por causa de terremotos, destruição por guerras, esgotamento de fontes ou poços e outras razões. Os habitantes que se mudavam às vezes transferiam o nome original da cidade para outro local. Arqueólogos têm encontrado evidências de uma série dessas “mudanças de local” no mundo antigo.

Versículo 32. Depois de **fazer** e confirmar uma **aliança em Berseba** com Abraão, **Abimeleque e Ficol** estavam prontos para voltar **para as terras dos filisteus.** Essa informação implica que Berse-

¹⁶Jack P. Lewis, “בְּאֵר שֶׁבַע” em *DITAT*, p. 144. A segunda explicação para o nome “Berseba” encontra-se em Gênesis 26:31–33.

¹⁷Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 18–50*, The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 93.

ba não estava sob o controle direto dos filisteus; mas, evidentemente, ficava perto da fronteira o suficiente para eles exercerem algum controle sobre ela e desejarem manter relações pacíficas com Abraão, o poderoso xeique que ali vivia.

Alguns críticos continuam céticos quanto à história de Abimeleque, Ficol e os filisteus de Gerar. Consideram anacrônica qualquer referência à terra dos filisteus, pois só há provas da chegada deles em grande escala à terra de Canaã, por volta de 1200 a.C. Apesar disso, arqueólogos descobriram provas de comércio existente entre a ilha de Creta (“Caftor”; Amós 9:7) e o Egito, Canaã, Síria e Mesopotâmia, incluindo afrescos ao estilo cretense, cerâmicas e uma taça do período patriarcal¹⁸. Nesse caso, não parece haver razão plausível para os filisteus de Gênesis não terem sido a primeira onda de povos cretenses e os filisteus posteriores não serem a segunda onda a invadir a terra de Canaã em grande escala.

E esses primeiros habitantes se diferenciavam politicamente dos filisteus posteriores. Os filisteus com quem Abraão fez um pacto foram pacíficos e usaram de diplomacia ao lidar com estrangeiros; viviam em Gerar e eram governados por um rei. Ao contrário disso, os filisteus posteriores eram guerreiros agressivos, que estabeleceram uma aliança entre cinco cidades – Gaza, Asdode, Asquelom, Gate e Ecron – governadas por cinco chefes (Josué 13:3; Juízes 3:3; 1 Samuel 6:16–18)¹⁹. Os israelitas sofreram nas mãos dos filisteus durante grande parte do período dos Juízes e durante todo o reinado de Saul. Somente depois de Davi reinar por anos foi que o seu exército conseguiu subjugar-los (2 Samuel 8:1; 1 Crônicas 18:1).

Versículo 33. Agora que a aliança fora aceita e ratificada por ambas as partes, Abimeleque e Ficol voltaram para Gerar. O patriarca ficou e **plantou tamargueiras em Berseba**. Tamargueiras sempre foram extremamente importantes para promover sombra na parte sul do Negueve, e são compatíveis com o clima semi-árido dessa região. Entre os beduínos é tradição se plantar essas árvores porque elas crescem até quase dez metros de altura, fornecendo uma boa sombra. Além disso, elas são valorosas para os pastores porque os rebanhos gostam de comer suas folhagens macias

¹⁸K. A. Kitchen, *On the Reliability of the Old Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2003, p. 340–41.

¹⁹Hamilton, p. 24.

mais baixas²⁰.

No Antigo Testamento, árvores – especialmente as sempre-verdes – simbolizam vida, fertilidade e as bênçãos de Deus (2:9; 13:10; Salmos 1:3; Jeremias 17:7, 8; Ezequiel 47:12). Visto que, depois de plantar a tamargueira, o patriarca prestou um ato de adoração, alguns veem esse gesto de plantar a árvore como algo análogo a edificar um altar. Os antigos cananeus usavam árvores, colunas e altares na adoração e esses elementos estavam associados a degradantes ritos de fertilidade. Mais tarde, por causa da tendência os israelitas de imitar os pagãos, a lei de Moisés proibiu o uso de árvores sagradas na adoração a Iavé (Deuteronômio 16:21). Como Abraão sempre evitou altares cananeus e construiu seus próprios altares de adoração a Deus, ele talvez desconhecesse os ritos de fertilidade em que se usavam árvores. Ainda que ele soubesse de tais práticas, a árvore que ele plantou não tinha para ele nenhum significado como objeto de adoração. À medida que cresceu no decorrer dos anos, ela simplesmente pode ter provido um lugar fresco para ali se adorar a Iavé.

Outra interpretação deste episódio leva em conta que Abimeleque deu ao patriarca permissão para habitar na terra onde quisesse (20:15). Os dois homens haviam selado o pacto de não-agressão com um juramento que reconhecia o poço de Berseba como propriedade de Abraão. Ao plantar uma árvore, talvez o patriarca estivesse reivindicando sua posse sobre a terra onde seus rebanhos e gados pastavam e onde sua comitiva vivia.

A dificuldade com esta interpretação reside no fato de que a aliança entre o patriarca e Abimeleque parece ter sido apenas um pacto de não-agressão, que permitia ao patriarca viver na terra em paz como um estrangeiro (“tens habitado temporariamente”; 21:23), e não como um proprietário de terra. Após a ratificação do pacto de paz, Abimeleque só concordou – ao fazer o juramento – em ceder à reivindicação de um poço cavado pelos homens de Abraão (21:30, 31), e não de um grande lote real de terras, sobre o qual Abimeleque tinha certo controle. Além disso, o Novo Testamento descreve o patriarca como quem “peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas” (Hebreus 11:9). Estêvão disse que Abraão não recebeu “herança”

²⁰Wenham, p. 94.

sobre a terra, “nem sequer o espaço de um pé” (Atos 7:5)²¹. Evidentemente, um poço não equivalia nem a um pé de sua herança; pelo contrário, era apenas um buraco no solo, sobre o qual ninguém poderia sequer ficar.

A árvore recém-plantada pode ter servido apenas como um memorial dos juramentos dos dois homens naquele lugar, fazendo referência à posse do poço. Cheio de gratidão, Abraão naturalmente reagiu em adoração: a seguir, ele **invocou ali o nome do SENHOR, Deus Eterno** (אֱלֹהִים, *‘El ‘Olam*). Ele sabia que o Senhor, diferente dos deuses pagãos da mitologia, os quais, supostamente, tendo nascido, estavam destinados a morrer – é o Deus Eterno que não tem começo nem fim. Ele é *‘El Shadday* (“Deus Todo-Poderoso”; 17:1), que prometeu abençoar todas as famílias da terra através de Abraão e depois o socorreu e protegeu nas difíceis tribulações e perigos ao longo dos anos.

²¹A caverna de Macpela, comprada posteriormente por Abraão em Hebrom para sepultamento de Sara, não fazia parte da herança dada pelo Senhor ao patriarca (veja 23:1–20).

Iavé deu uma nova vida a ele e à mulher, Sara, quando seus corpos estavam mortificados para a procriação natural; e agora tinham um filho saudável, Isaque. Finalizando, nessa ocasião, Deus tocou o coração de Abimeleque para que ele fosse bondoso com Abraão, um estrangeiro na terra de Canaã. Com o coração transbordante de gratidão, Abraão adorou Iavé, o Deus Eterno.

Versículo 34. O escritor bíblico resumiu este episódio na vida do patriarca afirmando que **foi Abraão, por muito tempo, morador na terra dos filisteus**. Nesse tempo, “a terra dos filisteus” evidentemente não tinha fixado fronteiras ao sudeste do território de Canaã. Por isso, num sentido, Abimeleque e Ficol saíram de Berseba e “voltaram para a terra dos filisteus” (21:32). Em outro sentido, porém, a terra onde Abraão viveu fazia parte do domínio deles; ele ficou por um tempo na terra dos filisteus. “Foi... por muito tempo, morador” traduz o hebraico (גִּיר, *gur*) que significa que ele continuou a viver como “estrangeiro” ou “estrangeiro residente” na terra de Canaã, ou seja, bem próximo desses filisteus primitivos.

Autor: Bill Grasham

© A Verdade para Hoje, 2016

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS